

Da herança à ficção

Rafaela Degani,¹ Porto Alegre

Resumo: O artigo versa sobre as produções culturais e o que delas podemos extrair para melhor entender a herança e as verdades históricas dos sujeitos. Partindo de uma breve investigação sobre a intrincada relação entre psicanálise e ficção, a autora propõe uma aproximação da literatura brasileira para entender as heranças racistas que carregamos. A ficção e a psicanálise podem se retroalimentar e encontrar um caminho para a cura da neurose brasileira, que, segundo a pensadora Lélia Gonzalez, tem no racismo seu sintoma por excelência.

Palavras-chave: ficção, racismo, literatura e psicanálise

Psicanálise e ficção

Freud trabalhou sua vida inteira para provar a cientificidade da psicanálise. Para alguns a psicanálise aproxima-se mais das artes do que da ciência, ou situa-se em um campo intermediário. Freud escreveu pelo menos uma dezena de textos sobre arte e ou artistas. Escrevia, por vezes, poeticamente, como no célebre ensaio sobre a “Transitoriedade” (1916/2015c), e foi reconhecido pelo conjunto de sua obra, agraciado em 1930 com o Prêmio Goethe. Na carta enviada a ele pelo curador do prêmio, Alfons Paquet, este afirma que “Sua psicologia não é apenas a Ciência Médica, mas também resolveu e enriqueceu o mundo das representações dos artistas, dos sacerdotes, dos historiadores e educadores” (Freud, 1930/2015b, p. 307). Para além da polêmica sobre o lugar da psicanálise, é sabido que Freud “buscava abrigo na produção literária e artística para suas hipóteses conceituais” (Sousa, 2015, p. 318).

1 Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Autora do livro *A analista grávida* (2020) e do romance *Menina em claro* (2022), coautora do livro *Racismo: por uma psicanálise implicada* (2021).

A terapia psicanalítica é artesanalmente construída entre dois sujeitos (analista-analisando), que com base na fala e na escuta criam algo. No espaço privilegiado da análise as palavras esquecidas emergem, os afetos são revividos, as lacunas preenchidas, e a história do sujeito é reescrita. Em “Construções em análise” (1937/1975) Freud nos apresenta a famosa analogia entre o trabalho do arqueólogo e o do psicanalista, afirmando que os dois ofícios têm em comum a tarefa de descobrir e reconstruir algo com base em escombros. Podemos, entretanto, pensar o trabalho da análise também como o trabalho da construção de uma ficção. Nesse mesmo texto Freud trata de demonstrar em detalhes como funciona o artesanato em uma sessão analítica:

O analista produz um pedaço de construção, comunica-o ao paciente para que faça efeito sobre ele; depois, ele constrói mais um pedaço a partir do novo material que chega como um afluente e trabalha do mesmo jeito, e nessa alternância vai até o fim. (Freud, 1937/1975, p. 360)

Mas ele afirma que a reconstrução das memórias do paciente não consegue ir além de um certo grau de probabilidade. Abrindo margem para a criatividade (atividade de criar/ficcional) da dupla analista-paciente. Diferentemente do arqueólogo, não estamos atrás de materiais concretos e verdades factuais, mas sim em busca da realidade psíquica do analisando. Realidade psíquica que Freud define em 1900 como idêntica ao inconsciente, ou seja, desconhecida e fundada nas marcas mnêmicas e na história da sexualidade infantil, e enfatiza: “A realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a *realidade material*” (Freud, 1900-1901/2006a, p. 644). Nesse sentido, podemos supor que o inconsciente é ele mesmo uma ficção, que como tal contém uma verdade histórica.

Em 1908, no texto “O poeta e o fantasiar”, Freud situa a fonte criativa dos escritores em sua sexualidade infantil, afirmando que o escritor faz o mesmo que a criança quando brinca, ou seja, cria com base em seus desejos. O poeta, e contemporâneo de Freud, Rainer Rilke afirmou que uma obra de arte é boa quando surge de uma necessidade, e que para criar é necessário voltar-se para si mesmo e sondar as profundezas de onde vem a vida (Rilke, 2006, p. 27). Aqui poderíamos encontrar uma divergência entre necessidade e desejo como fontes diferentes para a criação, mas não iremos nos aprofundar nisso, o importante é a noção de que a matéria bruta da arte surge do que há de mais visceral no Homem. O pai da psicanálise debruçou-se

sobre os mitos, sobre as produções literárias, as artes plásticas e a religião na tentativa de entender o inconsciente humano, e podemos dizer que foi muito bem-sucedido em sua empreitada.

O neurótico adoece de suas fantasias, que são vividas como factuais. Ficções que têm a força de impactos reais. Saddi (2015), reafirmando o que está no texto freudiano, escreve: “o neurótico sofre com suas ficções e padece de suas próprias ficções” (p. 150). A novela neurótica é uma trama ficcional e inconsciente capaz de gerar sofrimento e consequências, e a psicanálise surge como uma possibilidade de inventar um novo enredo para o romance familiar. Um enredo que seja assimilável e que mitigue as intensidades traumáticas.

O trauma pode ser entendido, de forma resumida, como um excesso pulsional que, ao invadir o aparelho psíquico, rompe as barreiras protetoras, ameaçando a unidade psíquica e impossibilitando a ligação em uma trama representacional. O conceito de trauma acompanhou Freud ao longo de toda sua obra, e se ampliou em 1920, depois da descoberta da pulsão de morte, possibilitando um complemento ao conceito de compulsão à repetição. Após fracassos clínicos e o fim da Primeira Guerra, o fundador da psicanálise enxergou/escutou que a repetição sintomática, por vezes, reincidia um circuito traumático que não operava segundo o princípio do prazer. Mesmo com esse adendo à teoria, Freud não renunciou ao método da associação livre e da atenção flutuante. A realidade psíquica se apresenta com base na fala do sujeito, as portas para o inconsciente seguem sendo a palavra narrada e vivida em transferência. Narrar sobre si, sua história e traumas para alguém que escute traz ao sujeito a possibilidade de integrar as intensidades pulsionais traumáticas à malha representacional. Sobre a potência curativa que existe no processo de narrar, Freud (1908/2015a) afirma: “todo prazer estético, criado pelo artista, para nós, contém o caráter desse prazer preliminar e que a verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões de nossa psique” (p. 64). Libertar tensões com base na possibilidade de ficcionar-se.

O objeto de escuta do psicanalista é o inconsciente, ou seja, a realidade psíquica do sujeito em análise, que, como já afirmamos anteriormente, não coincide com a realidade material, tendo, entretanto, o poder de produzir efeitos reais. Ao final de sua obra, no artigo “Moisés e o monoteísmo” (1937/2013), Freud expande a noção de realidade psíquica, acrescentando um ingrediente na equação etiológica. Dedicou algumas páginas a teorizar,

aprofundando-a, sobre a noção das heranças arcaicas. Em textos anteriores, como em 1915, em “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, Freud já estava atento à “susceptibilidade à cultura” (Freud, 1915/2006b, p. 292) e afirmou: “Assim o ser humano está sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também à influência da história cultural de seus ancestrais” (p. 292). É, entretanto, em “Moisés e o monoteísmo” que ele enfatiza a importância e os efeitos da herança arcaica na história individual e coletiva da humanidade. “A herança arcaica do ser humano abrange não apenas disposições, mas também conteúdos, marcas mnêmicas de experiência de gerações anteriores” (Freud, 1937/2013, p. 141). Heranças que são passadas filogeneticamente, mas não só. Nesse mesmo texto, o autor lança luz sobre a importância da tradição como forma de transmissão. Uma tradição herdada pela comunicação oral. Através dos mitos, das religiões, das narrativas, ou seja, das ficções criadas pelo homem, ficções que contêm a verdade histórica da humanidade. Freud estava convicto da força da tradição, nas palavras do autor:

Mas o fato notável que aqui encontramos, é que essas tradições, em vez de se enfraquecerem com o tempo, se tornaram sempre mais fortes do decorrer dos séculos, se imiscuíram nas revisões posteriores dos relatos oficiais e finalmente se mostraram fortes o bastante para influenciar o pensamento e o agir do povo de maneira decisiva. (Freud, 1937/2013, p. 106)

E depois conclui que as tradições são matéria-prima aproveitada pelos poetas.

O que tentamos demonstrar até então é a importância da ficção para a humanidade. A relação estreita que mantém com a psicanálise deve-se ao fato de que, além de carregar a verdade histórica individual e coletiva, serve como um escoamento das tensões psíquicas. Poderíamos lançar mão de inúmeros exemplos acerca de artistas que mantiveram sua saúde mental por meio da arte, assim como podemos encontrar em cada um de nós a sensação de prazer (alívio de tensão) ao depararmos com alguma obra que nos faz sentido. Ao nos vermos refletidos em uma criação literária, por exemplo, experimentamos uma iluminação, como se as palavras que faltavam para enlaçar os excessos pulsionais fossem, finalmente, encontradas. Assim também funciona uma sessão de análise. Em entrevista recente, o

escritor Javier Cercas afirmou que “escrever é como uma terapia e se assimila à psicanálise, serve para botar para fora os demônios, e dar-lhes forma” (Horenstein, 2021a, p. 85, tradução nossa).

A herança brasileira

Voltando ao tema das heranças arcaicas, gostaria de propor uma reflexão sobre a atualidade da psicanálise e a especificidade dela no Brasil. Nosso país constituiu-se em cima de sangue indígena e africano. Quase quatrocentos anos de escravidão e o genocídio de vários povos que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses foram estruturantes de nossa história. O povo brasileiro formou-se com base na miscigenação entre europeus, indígenas e africanos. Uma miscigenação que não produziu uma democracia racial, mas uma segregação racista. Caberia aqui um estudo mais completo e técnico da história brasileira, porém, este não é o nosso foco. Para o fio condutor de nosso argumento basta identificar as raízes racistas de nossa sociedade.

Lélia Gonzalez (2020), importante filósofa, antropóloga, professora, militante do movimento negro e mulher negra brasileira, teorizou sobre o mito da democracia racial e assinalou que “A neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência” (p. 127). A autora propõe que se pense na articulação entre políticas de branqueamento – uma das responsáveis por trazer imigrantes europeus ao Brasil – e o mito da democracia racial. Em vários de seus artigos, Lélia tenta demonstrar a complexidade do que acontece no país e escreve: “O ‘racismo à brasileira’ se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros) ao mesmo tempo que diz não o fazer” (p. 127). É Lélia também quem propõe neologismos como o “pretuguês” e “América Ladina”. Criações autorais que denunciam as origens africanas e indígenas denegadas no Brasil. Nas palavras dela:

No caso da sociedade de origem latina, temos o racismo disfarçado ou, como eu o classifico, o *racismo por denegação*. Aqui, prevalecem as “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. A chamada América Latina, que, na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como o melhor exemplo de racismo por denegação. (p. 130)

Lélia insiste na delação do racismo brasileiro, pois não é possível combater algo sem antes assumir sua existência. A técnica psicanalítica, de tornar o inconsciente consciente, parte dessa mesma premissa.

Se por aqui os brancos não admitem seu racismo, nem sua origem violenta, denegando e perpetrando sua virulência, cabe a pergunta: qual a herança que partilham os brasileiros? O que a psicanálise brasileira denuncia sobre essa herança? Qual a verdade histórica contida nas produções culturais contemporâneas no Brasil?

Eliane Brum, em seu último livro, *Banzeiro Òkòtò* (2021), argumenta que, em um país estruturalmente racista a condição de existência do branco é violenta. Nas palavras da autora: “Não há como ser branco e ser limpinho em países onde os negros vivem pior e morrem primeiro. É isso que chamo de existir violentamente” (p. 19). Se estamos de acordo com Freud, todos nós, brasileiros, herdamos a marca da violência de nossa origem coletiva. Herdamos os privilégios simbólicos e materiais da branquitude, esses fáceis de perceber, porém, os brancos não costumam reconhecer a violência entranhada. Fanon (1950/2008) sugere que, no imaginário do branco, o negro ocupa o lugar do maléfico, do sexualizado e do infantil (p. 152). Grada Kilomba (2019) parte dessa mesma ideia ao afirmar que, “na sociedade branca, esses dois aspectos da agressão e sexualidade têm sido reprimidos e rejeitados de forma massiva em outros grupos raciais” (p. 79). Os privilégios ostentados pela branquitude não são somente materiais, ainda que saibamos que, ao projetar perde-se algo de si, o sujeito branco encontra alívio quando o sujeito negro experencia aprisionamento. “O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou ladrão violenta/o, a/o bandido, indolente e maliciosa/o” (Kilomba, 2019, p. 37). Nessa trama complexa o negro fica aprisionado e identificado com os aspectos “ruins” projetados sobre ele. Para a autora, o negro se torna a “Outridade” e reafirma: “nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer” (p. 38). A experiência subjetiva fica restrita ao outro, e nunca ao Eu. Essa é uma pequena amostra do tamanho das consequências ocasionadas pelo racismo.

Para Neusa Santos e Souza, psicanalista negra e brasileira, tornar-se negro é o caminho possível da saúde. Em uma sociedade racista, o ideal do ego é branco, e o negro que nessa sociedade vive terá de lutar contra esse ideal. Para todos os humanos a jornada de tornar-se o que se é será

trabalhosa. Crescemos assolados por expectativas parentais e sociais, muitas vezes inatingíveis, entretanto, ao sujeito negro soma-se uma expectativa impossível: ser branco. Sobre a realidade psíquica dos sujeitos negros, Neusa escreve: “O relacionamento entre o ego e o ideal do ego é vivido sob o signo da tensão. E como não ser, se o superego bombardeia o ego com incessantes exigências de atingir um ideal inalcançável?” (Souza, 2021, p. 70).

Tanto Neusa Santos e Souza quanto Lélia Gonzalez são duas intelectuais brasileiras que foram fundamentais para os estudos da psicanálise e das relações raciais no Brasil, entretanto, não ouvimos falar delas nas escolas de psicanálise. O apagamento das pessoas negras é uma das artimanhas do racismo. A negação da existência de intelectuais negros no meio psicanalítico denuncia a verdade histórica do racismo à brasileira.

As obras de Lélia Gonzalez e Neusa Santos e Souza foram reeditadas em 2020 e 2021, respectivamente, quando voltaram a despertar interesse, depois de décadas de silenciamento. Grada Kilomba, artista interdisciplinar nascida em Lisboa, teve seu livro *Memórias da plantação* editado em língua portuguesa somente em 2019, dez anos depois do primeiro lançamento, em Berlim, onde mora. Três mulheres negras falantes da língua portuguesa com enormes contribuições para a psicanálise e apartadas dos programas teóricos na maioria das escolas de psicanálise de nosso país.

E os casos de apagamento não param por aí, temos na raiz da psicanálise brasileira dois grandes exemplos: Virginia Bicudo e Juliano Moreira. Juliano Moreira, nascido em 1873, foi um médico psiquiatra, negro e brasileiro. Foi o primeiro professor universitário a incorporar a teoria psicanalítica ao ensino da Medicina. E Virgínia Bicudo foi uma importante psicanalista brasileira, a primeira mulher negra a se tornar analista no Brasil, tendo sido essencial para a institucionalização da psicanálise nacional. Dois grandes nomes da psicanálise brasileira que ainda hoje, arrisco dizer, são pouco reconhecidos.

Temos por costume estudar e celebrar, prioritariamente, os psicanalistas homens, brancos e europeus. Marca indelével do colonialismo que nos habita.

Há quase cem anos psicanalistas exercem seu ofício no Brasil, escutam diariamente pessoas que habitam cidades brasileiras, que, por sua vez, carregam na herança a história dos seus ancestrais, contudo, o estudo das relações raciais ainda é quase ínfimo nos institutos de psicanálise brasileiros. Ignácio Paim Filho e Wania Cidade (2021) questionam: “seria a psicanálise

no Brasil uma prática de brancos para brancos? O racismo segue fazendo história em nossas casas psicanalíticas? ... Até quando?” (p. 70). Eu ousou acrescentar que, mesmo uma psicanálise de branco para branco, em um país como o Brasil, necessita olhar para a herança arcaica que carrega a marca da violência. É também com base na narrativa dos pacientes brancos que temos rastros do “existir violentamente”. O racismo passeia por nossos divãs dia após dia, e seguirá espalhando seu veneno, até que possa ser escutado. Uma psicanálise alienada da cultura é uma psicanálise inoperante.

A ficção como um caminho

Voltemos à ficção e sua ligação inseparável com a psicanálise. “É preciso afeto na fala e na escuta. Assim na literatura, assim na análise, aportar na palavra nova, fresca, arejada. Ou na comum, mas restaurada e que, por isso, representa, simboliza” (Gutfreind, 2020, p. 44). A “*talking cure*” descoberta por Breuer e Freud no fim do século 19 segue sendo o principal método da psicanálise e mais eficaz na direção da cura. Julia Kristeva (citada por Horenstein, 2021b, p. 190, tradução nossa), sobre o processo de psicanalisar, diz: “No momento em que começo a análise, faço o trabalho de escutar a singularidade de cada relato, de cada associação livre; cada um conta sua novela, e cada pessoa sobre o divã se converte em um escritor”. A cura pela palavra, pela narrativa, pela ficção de cada um.

Se seguirmos o caminho de mestre Freud na construção de sua escuta clínica e produção teórica, teremos que nos debruçar sobre as produções culturais de nosso povo e de nosso tempo. A riqueza brasileira vem da exuberância da natureza e da diversidade humana que temos por aqui. É dispensável discorrer sobre isso. Sabemos que a toxicidade do racismo não poupa nada, nem ninguém, e o campo da arte não ficou livre desse contágio. Podemos citar diversos casos de artistas negros silenciados e apagados dos registros históricos brasileiros. Limitar-nos-emos a pensar em alguns. Sabemos que lugares de resistência, como os quilombos, os centros de umbanda, candomblé, o samba e a capoeira, além de outros, sempre existiram e vigoraram Brasil afora. Abdias do Nascimento é um grande exemplo da força e capacidade de existir diante de uma sociedade racista. Exponente da resistência, artista e intelectual negro que despontou numa época em que todas as portas se fechavam para seus pares. Abdias era, todavia, a exceção, e não a regra. À população negra foi negada a possibilidade de enxergar-se refletida na

literatura, no cinema, nas novelas. Quando retratados, ocupavam sempre o lugar do subalterno, do infantil, do pobre e do sexualizado. Com isso, o trauma se reatualiza, cristalizando o negro no lugar da Outridade (Kilomba, 2019), como mencionado anteriormente.

Machado de Assis é um exemplo célebre da sutileza do racismo à brasileira. O maior escritor do país foi retratado como branco ao longo dos anos. Em seu obituário, em 1908, está classificado como um homem branco. Hoje há um resgate da imagem do escritor como sujeito negro e uma vasta produção literária sobre o assunto. Fotos foram reconstituídas e podemos ter acesso à real figura do escritor.

Chiquinha Gonzaga, compositora, pianista e pioneira, também teve sua origem africana apagada dos livros de história. Mas não de sua arte. Suas composições eram banhadas de elementos da cultura africana. Filha de uma mulher negra e um pai branco, Chiquinha foi educada para ser uma aristocrata, assimilada pela cultura europeia e branca. Em uma minissérie da televisão feita para contar sua história, Chiquinha é interpretada por uma atriz branca, e nada sobre sua mãe negra aparece.

Em 1860, Maria Firmina dos Reis escreve o primeiro romance abolicionista do Brasil: *Úrsula*. A escritora e professora negra foi esquecida por mais de cem anos.

Foi apenas na década de 70, quando já fazia mais de um século que o romance *Úrsula*, da pena da maranhense Maria Firmina dos Reis, que havia sido anunciado em resenhas econômicas nos jornais de São Luís, província do Maranhão, que o destino da autora e do livro iniciou uma trajetória ascendente. (Machado, 2021, p. 11)

E foi somente no ano de 2022 que a escritora foi homenageada na maior feira literária do Brasil, a FLIP, que acontece anualmente na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. O Brasil demora a perceber suas riquezas.

Leituras quando bem aproveitadas servem como ferramentas para a escuta analítica. Em 2021 Jefferson Tenório, autor negro e brasileiro, foi agraciado com o mais alto prêmio da literatura brasileira, o Jabuti de Melhor Romance, pelo livro *Avesso da pele*. Nessa obra mergulhamos na vida do personagem, um professor de literatura solitário que se encontra imerso em revisitar a vida do pai e sua própria infância. Durante a trama vamos tendo

contato com as diversas facetas do racismo e nos sentimos na pele negra do personagem. Que presente o escritor nos fornece!

Toni Morrison é um outro bom exemplo. A primeira escritora afro-americana a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. Estreou como romancista em 1970, com o livro *O olho mais Azul*, e em 1993 ganhou o Nobel pelo conjunto de sua obra. Em seu romance de estreia, Toni Morrison retrata com maestria a difícil trajetória de uma menina negra norte-americana que desejava ser branca. Sua narrativa impactante nos deixa de frente para o sofrimento e a dura realidade do racismo. Conseguimos sentir junto com a protagonista o drama que experimenta em relação a si e ao seu corpo. Neusa Santos e Souza, em *Tornar-se negro* (2021), aborda o mesmo tema, contudo, o faz com base na teoria psicanalítica. É possível ver o entrecruzamento da literatura com a psicanálise de diversos ângulos. São inumeráveis as possibilidades de abastecer a teoria com base na ficção, e vice-versa.

Fanon (1950/2008) planta uma semente de esperança quando escreve sobre a vivência de ser um sujeito negro: “acredito sinceramente que uma experiência subjetiva pode ser compartilhada por outra pessoa que não a viva” (p. 86). Podemos nos agarrar ao otimismo dessa frase e fazer uso das produções culturais que nos são ofertadas para expandirmos a teoria e a escuta na clínica.

A arte, além de ser uma via para o inconsciente, é uma poderosa arma contra as injustiças. A obra literária de Conceição Evaristo é a perfeita mistura entre a arte e a denúncia, criando a escritora o termo “escrevivência” para definir o que faz:

Quando eu usei o termo é ... escrevivência ... se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é ... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né ... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é ..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de

criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (Evaristo, 2017)

Um neologismo brilhante que condensa o verdadeiro significado da literatura. Suas palavras propagam as dores, as alegrias e os gritos de uma multidão silenciada por séculos. Sua escrita nasce da experiência viva de ser uma mulher negra no Brasil, e através dela oferece um espelho capaz de refletir imagens ofuscadas pela sombra da branquitude.

A arte como possibilidade de afinar a escuta do psicanalista. Narrativas que carregam e comunicam as verdades de nossa história. Enredos que dão voz às dores silenciadas, palavras que aliviam tensões. “Narrar. Analisar. Narralisar” (Gutfreind, 2020, p. 44).

Que a surdez racista não nos impeça de escutar.

A psicanálise não pode compactuar com o racismo, e não apenas pelo fator mais óbvio de exclusão que ele impõe, mas também porque estaria fadada ao fracasso. Há uma ebulição de produções culturais que incluem toda a diversidade da qual dispomos, brotam como flores na primavera, e, se não atentarmos para isso, iremos naufragar na *terra brasilis*, afogados em nossa branquitude colonial.

Herdamos um enredo violento. Que façamos da herança ficção, na vida, na teoria e na sala de análise.

Del patrimonio a la ficción

Resumen: El artículo trata sobre las producciones culturales y lo que podemos extraer de ellas para comprender mejor el patrimonio y las verdades históricas de los sujetos. A partir de una breve investigación sobre la intrincada relación entre psicoanálisis y ficción, el autor propone un acercamiento a la literatura brasileña para comprender la herencia racista que portamos. La ficción y el psicoanálisis pueden retroalimentar y encontrar la manera de curar la neurosis brasileña, que, según la pensadora Lélia Gonzalez, tiene al racismo como su síntoma por excelencia.

Palabras clave: ficción, racismo, literatura y psicoanálisis

From heritage to fiction

Abstract: The article deals with cultural productions and what we can extract from them to better understand the heritage and historical truths of the people. Starting with a brief investigation of the intricate relationship

between psychoanalysis and fiction, the author proposes an approach to Brazilian literature to understand the racist heritage we carry. Fiction and psychoanalysis can provide feedback and find a way to cure the Brazilian neurosis, which, according to the thinker Lélia Gonzalez, racism is its biggest symptom.

Keywords: fiction, racism, literature and psychoanalysis

Du patrimoine à la fiction

Résumé : L'article traite des productions culturelles et de ce que l'on peut en extraire pour mieux comprendre les vérités patrimoniales et historiques des sujets. À partir d'une brève enquête sur la relation complexe entre la psychanalyse et la fiction, l'auteur propose une approche de la littérature brésilienne pour comprendre l'héritage raciste que nous portons. La fiction et la psychanalyse peuvent donner un retour d'expérience et trouver un moyen de guérir la névrose brésilienne qui, selon la penseuse Lélia Gonzalez, a le racisme comme symptôme par excellence.

Mots-clés : fiction, racisme, littérature et psychanalyse

Referências

- Brum, E. (2021). *Banheiro Òkòtò: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. Companhia das Letras.
- Evaristo, C. (2017). Escritora Conceição Evaristo é convidada do *Estação Plural*: depoimento. Entrevistadores: E. Oléria, F. Oliveira & M. Gonçalves. *TV Brasil*, 12 jun. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. edufba. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (1975). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 285-309). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2006a). A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos. O inconsciente e a consciência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 5, pp. 635-648). Imago. (Trabalho original publicado em 1900-1901)
- Freud, S. (2006b). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 285-309). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2013). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. lpm. (Trabalho original publicado em 1937)

- Freud, S. (2015a). O poeta e o fantasiar. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 53-68). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2015b). Prêmio Goethe. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 307-315). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2015c). Transitoriedade. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 221-224). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1916)
- Gutfreind, C. (2020). *Mais relato, menos metapsicologia*. Artes e Ecos.
- Gonzalez, L. (2020). A categoria político-cultural de amefricanidade. In L. Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano* (pp. 127-138). Zahar.
- Horenstein, M. (2021a). Javier Cercas – el desarraigado. In M. Horenstein, *Conversaciones de diván* (pp. 79 - 92). La Fábrica.
- Horenstein, M. (2021b). Julia Kristeva – la extranjera. In M. Horenstein, *Conversaciones de diván* (pp.185-194). La Fábrica.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Machado, M. H. T. (2021). Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista no Brasil do século XIX ao XXI [Introdução]. In M. F. dos Reis, *Úrsula*. tag.
- Morrison, T. (2019). *O olho mais azul* (2. ed.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1970)
- Paim Filho, I. & Cidade, W. (2021). Podem negros e negras frequentar os institutos de psicanálise? In I. Paim Filho, *Racismo: por uma psicanálise implicada* (Cap. 5, pp. 67-71). Artes e Ecos.
- Rilke, R. M. (2006). *Cartas a um jovem poeta*. lpm Pocket.
- Saddi, L. (2015). O que a subjetividade contemporânea tem a ver com o romance e o miniconto? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 145-154.
- Sousa, E. (2015). Posfácio: faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas*. Autêntica.
- Souza, N. S. e (2021). *Tornar-se negro*. Zahar.

Rafaela Degani
rafaeladegani@gmail.com

Recebido em: 18/1/2023

Aceito em: 6/2/2023